

# a provadora

v. s. alexander

Tradução de Jorge Colaço



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para James E. Gunn, que ateou o fogo



## PRÓLOGO

*Berlim, 2013*

**Q**uem matou Adolf Hitler? A resposta está contida nestas páginas. As circunstâncias que rodeiam a sua morte têm sido alvo de disputa desde 1945, mas eu sei a verdade. Eu estava lá.

Agora sou uma velha viúva sem filhos, abandonada numa casa cheia de recordações tão amargas como cinzas. As tílias na primavera, os lagos azuis no verão, não me trazem alegria.

Eu, Magda Ritter, fui uma das quinze mulheres que provavam a comida de Hitler. Ele tinha uma inquietação obsessiva sobre ser envenenado pelos Aliados ou por traidores.

Depois da guerra, ninguém, exceto o meu marido, soube o que eu fazia. Não falava sobre isso. Não poderia falar sobre isso. No entanto, os segredos que guardei durante tantos anos precisam de ser libertados da sua prisão interior. Não tenho já muito mais para viver.

Conheci Hitler. Observei-o quando atravessava os salões do seu refúgio de montanha, o Berghof, e segui-o através do labirinto da Toca do Lobo, o seu quartel-general na Prússia Oriental. Estive perto dele no seu último dia, na profundidade tumular do seu búnquer de Berlim. Estava frequentemente rodeado por uma turba de admiradores, e a sua cabeça balouçava como uma boia no mar.

Por que razão ninguém matou Hitler antes de ele morrer no búnquer? Uma partida do destino? A sua misteriosa capacidade de evitar a morte? Muitos planos de assassinio foram congeminados, e, desses, muitos foram abortados. Apenas um conseguiu ferir o Führer. Essa tentativa apenas

reforçou a sua crença na providência — o seu direito divino de governar como achava conveniente.

A minha primeira recordação dele é num comício do Partido, em 1932, em Berlim. Eu tinha quinze anos nessa altura. Ele estava em cima de uma plataforma de madeira e falou a uma pequena multidão que crescia a olhos vistos à medida que se espalhava a notícia de que ele estava na Potsdamer Platz. Nesse dia de novembro, as nuvens cinzentas expeliaram chuva, mas cada palavra que ele dizia explodia no ar até a multidão incandescer de ardor e fúria contra os inimigos do povo alemão. A cada batimento do punho no seu peito, o céu tremia. Vestia um uniforme castanho e um cinto de couro negro cruzava-lhe o tórax. A braçadeira com a suástica vermelha, branca e preta era notoriamente ostentada no braço esquerdo. Um pistola pendia-lhe do flanco. Não era particularmente bonito, mas os seus olhos tinham o poder de nos aprisionar. Circulavam rumores de que quis ser arquiteto ou artista, mas sempre imaginei que teria dado um melhor contador de histórias; se tivesse deixado a imaginação traduzir-se em palavras em vez de malevolência.

Magnetizou uma nação, provocando tumultos eufóricos entre os que acreditavam na nova ordem resplandecente do Nacional Socialismo. Porém, nem todos o idolatrávamos como o salvador da Alemanha. Certamente, nem todos os «bons alemães». Foi a minha nação culpada de auxiliar o ditador mais notório que o mundo jamais conheceu?

Desenvolveu-se um culto à volta de Hitler, tanto na morte como quando era vivo. Os seus membros têm fascínio pelo horror e pela destruição que ele lançou sobre o mundo como o diabo. Tanto são idólatras fanáticos do Führer como estudantes de psicologia humana que perguntam: «Como poderia um único homem ser tão mau?» Seja como for, esses seguidores ajudaram Hitler a ser bem-sucedido na sua demanda de viver para sempre.

Debati-me com as ações horrendas perpetradas pelo Terceiro Reich e o meu singular lugar na história. A minha história precisa de ser contada. Por vezes, a verdade esmaga-me e horroriza-me, como se nunca acabasse de cair num buraco escuro. Descobri também a crueldade dos homens que fazem as leis que convêm aos seus próprios fins.

A vida puniu-me e o meu sono é assombrado por pesadelos. Não há escapatória possível dos horrores do passado. Talvez aqueles que lerem a minha história não me julguem tão severamente como eu me julguei a mim mesma.

**O SALÃO DE CHÁ**



**O BERGHOF**



## CAPÍTULO 1

**U**m estranho medo espalhou-se por Berlim no princípio de 1943. No ano anterior, levantara os olhos para o céu quando as sirenes dos raids aéreos soaram. Não vi nada a não ser as nuvens altas, fluindo como caudas de cavalos brancos por cima de mim. As bombas dos Aliados fizeram poucos danos e nós, alemães, pensámos que estávamos seguros. Nos finais de janeiro de 1943, o meu pai suspeitou que o prelúdio de uma escaldante chuva de destruição tinha começado.

— Magda, deverias sair de Berlim — disse ele no início do bombardeamento. — Ficar aqui é demasiado perigoso. Podes ir para casa do tio Willy em Berchtesgaden. Lá estarás em segurança. — A minha mãe concordou.

Não queria fazer parte dos seus planos, porque apenas uma única vez, ainda criança, estivera com os meus tios. O Sul da Alemanha parecia a mil quilómetros de distância. Amava Berlim e queria continuar no pequeno apartamento onde vivíamos em Horst-WesselStadt. As nossas vidas, e tudo o que alguma vez conhecera, estavam contidas num único andar. Queria ser normal; afinal, a guerra estava a ir bem. Era o que o Reich nos dizia.

Toda a gente na Stadt acreditava que o bairro seria bombardeado. Muitas indústrias ficavam ali perto, incluindo a fábrica de travões onde o meu pai trabalhava. Um bombardeamento aliado ocorreu a 30 de janeiro, às onze da manhã, quando Hermann Göring, o Reichsmarschall, discursava na rádio. O segundo ocorreu mais tarde nesse dia, quando o ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, falava. Os Aliados tinham planeado bem os ataques. Ambos os discursos foram interrompidos pelos raids.



O meu pai estava no trabalho quando decorreu o primeiro, mas em casa no segundo. Já tínhamos decidido que nos congregariamos na cave durante os raids aéreos, juntamente com Frau Horst, que vivia no piso de cima do nosso prédio. Não tínhamos noção, nesses primeiros tempos, da destruição que os bombardeiros aliados poderiam causar, a devastação terrível que poderia cair dos céus em nuvens de bombas negras e sibilantes. Hitler disse que o povo alemão seria defendido de tais horrores, e nós acreditámos nele. Até mesmo os rapazes que eu conhecia e que combatiam na Wehrmacht guardavam essa ideia no coração. Uma sensação de destino impelia-nos para diante.

— Deveríamos ir para a cave já — disse eu à minha mãe quando começou o segundo ataque. Gritei as mesmas palavras lá para cima a Frau Horst, mas acrescentei: — Depressa! Depressa!

A velha senhora pôs a cabeça de fora do apartamento.

— Tens de me ajudar. Não consigo mexer-se depressa. Já não sou nova como dantes.

Corri escadas acima e dei com ela de maço de cigarros e garrafa de conhaque na mão. Tirei-lhos e conseguimos descer antes de as bombas caírem. Estávamos habituados aos *blackouts*. Nenhum bombardeiro aliado poderia ver luz a sair da nossa cave sem janelas. A primeira explosão pareceu muito distante, e não fiquei preocupada.

Frau Horst acendeu um cigarro e ofereceu conhaque ao meu pai. Aparentemente, cigarros e aguardente eram os únicos pertences que arrastaria para o túmulo. Pedacos de poeira caíam à nossa volta. A senhora idosa apontou as vigas de madeira por cima de nós e disse:

— Malditos sejam.

O meu pai assentiu sem entusiasmo. A velha caldeira a carvão crepitava ao canto, mas não conseguia dissipar as correntes de ar gélido que se infiltravam através do compartimento. Os nossos bafos gelados resplandeciam sob o brilho da lâmpada nua.

Uma explosão mais próxima matraqueou nos nossos ouvidos e a luz elétrica piscou. Um clarão de luz laranja brilhante acendeu-se por cima de nós, tão perto que conseguiríamos ver o seu rasto de fogo através das fendas em volta da porta da cave. Uma nuvem de pó redemoinhou pelas escadas. Partiram-se vidros, algures dentro de casa. O meu pai agarrou-me a mim e à minha mãe pelos ombros, puxou-nos para si e cobriu-nos as cabeças com o seu peito arqueado.

— Esta foi muito perto — disse eu, tremendo de encontro ao meu pai. Frau Horst soluçou a um canto.

O bombardeamento terminou quase tão rapidamente como tinha começado, e subimos as escadas na escuridão de volta ao nosso apartamento. Frau Horst desejou-nos boa-noite e deixou-nos. A minha mãe abriu a nossa porta e foi procurar uma vela na cozinha. Pela janela, vimos fumo preto formar um cogumelo sobre um edifício a vários quarteirões de distância. A minha mãe encontrou um fósforo e acendeu-o.

Soltou uma exclamação. O armário das porcelanas tinha as portas abertas, lançando várias peças da melhor porcelana que a sua avó lhe dera para o chão. Baixou-se e juntou os cacos num monte, tentando encaixá-los uns nos outros como um *puzzle*.

Uma jarra de vidro lapidado, de valor para a minha mãe, também se desfizera em pedaços. A minha mãe cultivava sardinheiras e íris roxas no pequeno jardim por trás do nosso prédio. Ela cortava as íris quando floresciam e punha-as na jarra sobre a mesa da sala de jantar. A sua fragrância inebriante enchia as divisões da nossa casa. O meu pai dizia que as flores o faziam feliz porque se declarara à minha mãe na época do ano em que as íris floresciam.

— As nossas vidas tornaram-se frágeis — disse o meu pai, olhando com tristeza para os danos. Poucos minutos depois, a minha mãe renunciou à esperança de reconstruir a porcelana e a jarra e atirou-as para o lixo. Prendeu o seu cabelo preto num carrapito e entrou na cozinha para ir buscar uma vassoura.

— Temos de fazer sacrifícios — bradou ela.

— Disparate — disse o meu pai. — Temos sorte em ter uma filha e não um filho; de outro modo, receio que estaríamos a planear um funeral não muito distante.

A minha mãe apareceu à porta da cozinha com a vassoura.

— Não deves dizer essas coisas. Isso dá uma impressão errada.

O meu pai abanou a cabeça.

— A quem?

— A Frau Horst. Aos nossos vizinhos. Aos teus colegas de trabalho. Quem sabe? Temos de ter cuidado com o que dizemos. Essas afirmações, até mesmo rumores, podem vir a cair-nos sobre a cabeça.

A luz elétrica piscou e o meu pai soltou um suspiro.

— O problema é esse. Vigiamos tudo o que dizemos, e agora temos de lidar com bombas. A Magda tem de partir. Tem de ir para casa do tio Willy em Berchtesgaden. Talvez até consiga arranjar trabalho.

Eu saltirara de emprego em emprego nos meus vinte e cinco anos,

encontrando trabalho numa fábrica têxtil, como arquivista de um banqueiro, repondo mercadorias como empregada de loja, mas sentia-me perdida no mundo do emprego. Nada do que fazia parecia certo ou suficientemente bom. O Reich queria que as raparigas alemãs fossem mães; contudo, o Reich queria que fossem igualmente trabalhadoras. Suponho que era isso que eu também queria. Se temos um emprego, temos de ter licença para o deixar. Devido a não ter nenhum emprego, seria difícil ignorar os desejos do meu pai. No que respeita ao casamento, tivera uns quantos namoros desde que fizera os dezanove — nenhum deles a sério. A guerra levava tantos jovens para longe. Os que ficavam não conseguiam cativar-me o coração. Era virgem, mas não me arrependia.

Nos primeiros anos de guerra, Berlim fora poupada. Quando os ataques começaram, a cidade andava para diante como um sonhador, viva mas sem consciência dos seus movimentos. As pessoas caminhavam sem sentir. Nasciam bebés e os familiares olhavam-nos nos olhos e diziam-lhes como eram belos. tocar um caracol sedoso de cabelo ou beliscar uma bochecha não garantia um futuro. Os jovens eram enviados para as frentes — para leste e para oeste. O que na rua se dizia centrava-se no lento deslizar da Alemanha para o inferno, terminando sempre com «as coisas vão melhorar». Conversas sobre comida e cigarros eram comuns, mas nada que se comparasse ao alarde das emissões de rádio sobre as últimas vitórias ganhas através dos incessantes combates da Wehrmacht.

Os meus pais eram os últimos de uma linha de Ritters a viver no nosso prédio. Os meus avós tinham vivido ali até cada um deles morrer na cama onde eu dormia. O meu quarto, o primeiro ao sair do átrio, do lado da frente do prédio, era mesmo meu, um sítio onde podia respirar. Ali, nenhum fantasma me metia medo. O meu quarto não tinha muita coisa: a cama, uma pequena cómoda de carvalho, uma estante improvisada e uns quantos objetos que juntei ao longo dos anos, incluindo o macaco de peluche que o meu pai ganhara numa feira em Munique quando eu era criança. Quando os bombardeamentos começaram, olhei para o quarto de um modo diferente. O meu santuário ganhou uma qualidade sagrada, extraordinária, e a cada dia que passava interrogava-me se a sua tranquilidade seria estilhaçada como um templo bombardeado.

O grande raide aéreo que se seguiu aconteceu no dia do aniversário de Hitler em 20 de abril de 1943. As faixas, bandeiras e estandartes que decoravam Berlim ondeavam ao vento. As bombas causaram alguns estragos,

mas a maior parte da cidade escapou incólume. Esse ataque teve também artes de trazer de volta todos os medos que sentia quando era mais pequena. Nunca gostei muito de tempestades, especialmente de relâmpagos e trovões. A crescente severidade dos bombardeamentos pôs-me os nervos em franja. O meu pai teimava para que eu partisse, e, pela primeira vez, senti que poderia ter razão. Nessa noite, observou-me enquanto fazia a mala.

Juntei umas quantas coisas importantes para mim: um pequeno retrato de família tirado em 1925, num tempo mais feliz, e alguns cadernos de notas onde registar os meus pensamentos. O meu pai estendeu-me o macaco de peluche, a única recordação que eu retivera ao longo dos anos de infância.

Na manhã seguinte, a minha mãe chorou quando descí as escadas carregando a mala. Uma chuva de primavera salpicou a rua e o odor a terra das árvores em flor encheu o ar.

— Toma conta de ti, Magda. — A minha mãe beijou-me a face. — Levanta a cabeça. A guerra em breve terminará.

Retribuí o beijo e senti o gosto salgado das suas lágrimas. O meu pai estava no trabalho. Tínhamo-nos despedido na noite anterior. A minha mãe apertou-me as mãos mais uma vez, como se não quisesse deixar-me ir, e depois soltou-as. Fui buscar a mala e apanhei o elétrico para a estação dos comboios. Seria uma longa viagem até à minha nova casa. Contento por sair da chuva, entrei na estação pela porta principal. Os meus saltos soaram no passeio de pedra.

Encontrei a linha que me levaria a Munique e a Berchtesgaden e fiquei à espera numa fila sob a férrea treliça do teto abobadado do telheiro. Um jovem SS de uniforme cinzento via os documentos de identificação de todos à medida que embarcavam. Eu era uma protestante alemã, nem católica nem judia, e suficientemente jovem para ser tolamente convencida da minha invencibilidade. Vários polícias ferroviários de uniformes verdes estavam por perto enquanto o oficial de segurança inspecionava a fila.

O SS tinha um rosto liso e bonito, pontuado por metálicos olhos azuis. O cabelo castanho lançava-se debaixo do boné como uma onda. Examinava toda a gente como se fosse um potencial criminoso, mas o procedimento frio mascarava as suas intenções. Fez-me sentir desconfortável, mas eu não tinha dúvidas de que seria autorizada a embarcar. Olhou-me com atenção, estudou a minha identificação, prestando particular atenção à minha fotografia, antes de me devolver. Esboçou um leve sorriso, de nenhuma forma galante, mas timidamente, como se tivesse

terminado um trabalho bem executado. Acenou com a mão para o passageiro atrás de mim avançar. As minhas credenciais tinham passado a sua inspeção. Talvez tivesse gostado da minha fotografia. Acho que ela me favorecia. O cabelo era castanho-escuro e caía-me sobre os ombros. O rosto era demasiado estreito. Os meus olhos escuros eram grandes demais para a cabeça e davam-me um certo ar europeu oriental, apresentando uma cara semelhante à de um retrato de Modigliani. Alguns homens tinham-me dito que, para alemã, eu era bela e exótica.

A carruagem não tinha compartimentos, apenas assentos, e estava meio cheia. O comboio estaria cheio dali a poucos meses com turistas da cidade ansiosos por fazerem uma viagem de verão aos Alpes. Os alemães queriam desfrutar o seu país até no meio da guerra. Um casal jovem, que parecia apaixonado, sentou-se algumas filas à minha frente, a meio da carruagem. Inclonavam as cabeças uma contra a outra. Ele sussurrava-lhe ao ouvido, ajeitava o chapéu e depois tirava fumaças do cigarro. Nuvens de neblina azulada flutuavam por cima deles. A mulher erguia ocasionalmente o cigarro das mãos dele e chupava-o também. Em breve, finos, fiapos de fumo cinzento se estenderam pela cabina.

Sáimos do telheiro na obscuridade da chuva. O comboio tomou velocidade à medida que rolávamos para fora da cidade, passando pelas fábricas e quintas do Sul de Berlim. Recostei-me no meu lugar e tirei da mala um livro de poemas de Friedrich Rückert. O meu pai oferecera-mo há vários anos, pensando que eu gostaria dos poemas do autor romântico. O presente significava mais para mim do que os versos que continha.

Fixei as páginas com olhar vazio e pensei apenas em deixar a minha vida antiga e entrar na nova vida que tinha por diante. Perturbava-me ir para tão longe de casa, mas não tinha outra opção, graças a Hitler e à guerra. Encontrei a dedicatória que o meu pai escrevera quando me deu o livro. Estava assinada: *Com todo o amor do teu pai, Hermann*. Quando nos separamos na noite passada, pareceu-me demasiado velho e triste para os seus quarenta e cinco anos, mas aliviado por ser capaz de me enviar para casa do seu irmão.

O meu pai andava curvado devido a estar constantemente dobrado durante o seu turno na fábrica de travões. A barba grisalha, que ele fazia todas as manhãs, atestava as provações pessoais que aguentava diariamente, entre elas a sua aversão ao Nacional Socialismo e a Hitler. Claro que nunca falava dessas coisas; apenas dava a entender os seus gostos políticos à minha mãe e a mim. A infelicidade devorava-o, arruinava o seu apetite e levava-o

a fumar e a beber em demasia, apesar de tais luxos serem difíceis de obter. Estava a chegar ao fim da idade para o serviço militar na Wehrmacht, mas uma lesão na perna, que sofreu na juventude, tê-lo-ia desqualificado de qualquer modo. Pelas suas conversas, eu sabia que tinha pouca admiração pelos nazis.

Lisa, a minha mãe, tinha mais simpatia pelo Partido, embora ela e o meu pai não fossem membros. Como a maioria dos alemães, ela odiava o que acontecera ao país durante a Primeira Guerra Mundial. Dissera ao meu pai muitas vezes, «Pelo menos agora as pessoas têm empregos e comida que chegue para viverem.» A minha mãe fazia entrar dinheiro extra com as suas costuras, e porque tinha agilidade nos dedos fazia também trabalhos à peça para um joalheiro. Também me ensinou a coser. Estávamos em condições de viver confortavelmente, mas não éramos ricos, de modo nenhum. Nunca tivemos preocupações com ter comida na mesa até começar o racionamento.

Os meus pais não faziam qualquer exibição política óbvia. Nenhuma decoração ou bandeiras nazis pendiam do nosso prédio. Frau Horst pusera um cartaz com uma suástica na sua janela, mas era pequena e quase não se notava da rua. Eu não me tornara membro do Partido, um facto que causou alguma consternação à minha mãe. Ela achava que poderia ser bom porque a filiação poderia ajudar-me a encontrar trabalho. Não pensara muito no Partido depois de ter saído da Liga das Jovens Alemãs e do Serviço de Trabalho do Reich, nos quais me arrastara ociosamente. E não tinha a certeza do que realmente significava ser membro do Partido, pelo que não sentia necessidade de lhes entregar a minha lealdade. A agitação da guerra envolvia-nos. Combatíamos pelo bem no caminho do triunfo. A ingenuidade mascarava a minha necessidade de saber.

Continuei a folhear as páginas do livro até o comboio abrandar.

O homem da SS que estava na estação surgiu por trás do meu ombro direito. Segurava uma pistola na mão esquerda. Caminhou decididamente até ao casal à minha frente e pôs o cano na frente do jovem que fumava o cigarro. A mulher olhou para trás, na minha direção, de olhos cheios de terror. Parecia preparar-se para correr, mas não havia para onde ir, pois subitamente apareceram polícias armados da estação nas duas extremidades da carruagem. O homem da SS afastou a pistola da cabeça do homem e fez-lhes sinal para se levantarem. A mulher agarrou o seu casaco escuro e enrolou um cachecol preto em volta do pescoço. O oficial acompanhou-os até à traseira da carruagem. Não me atrevi a olhar para o que estava a acontecer.

Uns instantes depois, espreitei pela janela para a minha esquerda. O comboio tinha parado no meio de um campo. Um carro desportivo preto salpicado de lama, cujos tubos de escape cromados expeliam regularmente nuvens de vapor, estava numa estrada de terra junto da linha. O homem da SS empurrou o homem e a mulher para o banco de trás e entrou depois deles, de pistola recolhida. O polícia sentou-se no banco da frente com o condutor. Assim que as portas se fecharam, o carro fez um largo círculo no campo, desenhando uma faixa lamacenta nas ervas, e depois voltou para trás, em direção a Berlim.

Fechei os olhos e perguntei-me o que fizera o casal para ser arrancado do comboio. Eram espões dos Aliados? Judeus a tentarem sair da Alemanha? O meu pai tinha-nos falado uma vez — apenas uma vez — à mesa do jantar sobre os problemas que os judeus estavam a ter em Berlim. A minha mãe troçou, dizendo que eram «boatos sem fundamento». Ele replicou que um dos seus colegas de trabalho vira *Juden* pintado em vários edifícios da secção judia. O homem sentiu-se desconfortável só por ali estar, um acidente da sua parte. Havia suásticas pintadas nas janelas. Tabuletas advertiam para não se fazer comércio com mercadores judeus.

Pensei que era melhor manter o que pensava só para mim e não inflamar uma discussão política entre os meus pais. Senti-me triste pelos judeus, mas ninguém que eu conhecesse gostava particularmente deles e o Reich dirigia-lhes sempre acusações de culpa. Como muitos outros nessa época, fiz vista grossa. O que o meu pai contou poderia ter sido um boato. Confiava nele, mas sabia tão pouco — apenas o que ouvíamos na rádio.

Procurei o desportivo preto, mas o automóvel desaparecera. Não fazia ideia nenhuma do que o casal fizera, mas a imagem dos olhos aterrorizados da mulher ficou-me gravada na memória. A leitura ofereceu-me escasso consolo enquanto a minha viagem continuava. O incidente inquietou-me. Perguntava-me quem poderia ser a seguir e quando é que tudo poderia terminar.

## CAPÍTULO 2

**A** estação ferroviária de Berchtesgaden era mais pequena, mas mais grandiosa do que a de Berlim. As faixas nazis pendiam em rígidas fiadas verticais, contrabalançando as grandes colunas do interior e dando ao edifício um aspeto formal romano. Para um dos lados, uma porta dourada resplandecia. Parecia ser reservada a dignitários. Na sua superfície estava representada em baixo relevo uma águia negra empoleirada numa suástica. Talvez fosse a entrada para uma sala de receções para pessoas importantes de visita ao Führer; afinal, esta era a última paragem para quem era convidado para o seu refúgio de montanha.

Procurei o meu tio Willy e a minha tia Reina e vi-os junto da entrada. Trocámos saudações nazis. O meu tio parecia mais contente por ver-me do que a minha tia. Era um homem em forma de pera, com uma barriga saliente, que ainda conservava o cabelo ruivo e as sardas da juventude. Alguns dos sinais tinham florescido em manchas castanhas que se espalhavam por toda a cara. Segurava na mão o seu boné de polícia. O sorriso da minha tia parecia forçado, como se eu fosse a enteada indesejável que tivesse regressado a casa para uma visita. Era elegante e culta, comparada com o meu tio, que era mais afável. O meu pai dissera-me que achava que os meus tios constituíam uma combinação estranha. Eu era nova nessa altura e nunca questioneei a atração entre ambos, mas agora que estava diante deles as suas diferenças evidenciavam-se claramente.

Depois de trocarmos cumprimentos, o meu tio carregou a minha mala no pequeno *Volkswagen* cinzento deles. Ocupei um lugar no banco de trás.



Não consegui ver muito da paisagem de montanha enquanto o meu tio conduzia, com exceção dos picos escuros que ascendiam através das nuvens dispersas para um céu de ébano. Só estivera uma vez em Berchtesgaden, quando era criança.

Os meus tios viviam numa vivenda de três pisos de estilo bávaro cravado entre um pequeno restaurante e um talho, numa rua apinhada de gente não muito longe do centro da cidade. A influência alpina via-se por toda a parte. A casa deles era alta, mas não tão larga como uma vivenda que encontraríamos empoleirada no flanco de uma montanha. Saí do carro e respirei o ar fresco da montanha. Era difícil acreditar que estava no mesmo país que Berlim.

Despimos os casacos e deixámos a minha bagagem junto da porta. O tio Willy envergava o uniforme da polícia local com a suástica no braço esquerdo. Reina usava um vestido azul-cobalto com uma gola apertada. Um alfinete de diamantes com a forma de uma suástica estava preso acima do coração. Havia um grande retrato a preto e branco do Führer pendurado por cima da lareira, onde a sua figura solene e sólida presidia à sala de jantar. A minha tia costurara um pano de mesa coberto de suásticas. Reina era espanhola e apoiante de Franco, e também da Itália de Mussolini. Tudo na casa deles era meticuloso e de acordo com o ideal nazi de perfeição germânica. Nada estava fora de ordem. O mobiliário estava encerado ao ponto de ter um brilho reverberante e a sua colocação era simétrica. Senti-me como se tivesse entrado num conto de fadas, alguma coisa fora do comum e de feito surreal. Era como estar numa exposição de arte — bela, mas não a nossa casa.

A noite estava fresca, pelo que o meu tio atçou o lume. A tia Reina serviu carne estufada e pão, e apreciámos um copo de vinho tinto. O estufado era escasso em carne e vegetais, mais caldo do que outra coisa, mas soube bem. Estava com fome da viagem. A refeição foi mais reconfortante do que os pratos de vegetais que a minha mãe cozinhava nessa época. Havia escassez de carne e ovos em toda a Alemanha, especialmente nas cidades.

Falámos sobre os meus pais e os nossos familiares. Falámos brevemente na guerra, um tópico sobre o qual Willy e Reina apenas tinham sorrisos. Tal como a minha mãe, estavam convencidos de que estávamos a vencer e de que a Alemanha triunfaria sobre os seus inimigos, particularmente os judeus. A minha vida tinha sido tão encasulada, com pessoas iguais a mim, os meus poucos amigos, que nunca pensara muito acerca dos judeus. Não

faziam parte da minha vida. Não tínhamos quaisquer amigos, nem vizinhos, que fossem judeus. Ninguém que conhecêssemos tinha «desaparecido».

O tio Willy disse que o direito à nossa Lebensraum era tão indelével como a nossa herança. Quando os judeus e os bolcheviques fossem removidos, caberia à Alemanha povoar as suas terras. O Leste produziria a comida, os minerais e as matérias-primas de que o Reich necessitava para o seu reinado de mil anos. O seu rosto iluminava-se enquanto falava.

A tia Reina inspecionava como uma rainha a sua mesa perfeitamente disposta.

— Este cristal veio da minha casa, em Espanha. — Bateu com as unhas no bojo de um copo. — Quando for seguro viajar, levar-te-ei à minha terra natal; é um país tão belo. Os Aliados fazem o possível para nos inundar com propaganda. Apesar disso, sabemos que o Führer não pode estar errado. — Olhou de relance o retrato sobre a lareira e sorriu. — Triunfaremos. Os nossos homens combaterão até vencermos a batalha final.

Assenti, não tendo qualquer gosto pelo tema, porque eu era uma vulgar rapariga alemã, sem a sofisticação da minha tia. Ela não era parecida com nenhuma mulher que já conhecera — mais cheia de opiniões do que a minha mãe, e com uma alma de aço temperado. Nada que eu pudesse dizer ou fazer poderia influenciar o pensamento dos meus tios ou o resultado final da guerra. Até mesmo as minhas poucas amigas estavam mais preocupadas com os seus empregos, em fazerem dinheiro e irem vivendo. Quase nunca falávamos da guerra, a não ser para referir, com nostalgia, o infortúnio dos rapazes que estavam a ser enviados para o combate.

Depois de termos, a minha tia e eu, lavado os pratos, sentámo-nos durante mais uma hora na sala de estar até o meu tio Willy começou a cabecear. Reina declarou o serão encerrado quando o meu tio começou a rressonar. Levei a mala para o meu quarto, no segundo andar, que dava para a rua. O terceiro andar abrigava o sótão, um compartimento que a minha tia usava para guardar coisas.

Os candeeiros da cidade estava apagados, mas algumas luzes abafadas brilhavam nas janelas sob as sombras do *blackout*. Para lá dos edifícios, uma mistura de escuridão e luz caía sobre os terrenos. As montanhas exibiam diversos tons de preto: a rocha parda e densa, a floresta uma escuridão menos carregada. As nuvens rodopiavam por cima e por vezes um raio de luz irrompia através delas como uma flecha luminosa. Não saberia dizer se vinha do solo ou dos céus, mas momentaneamente iluminava as nuvens como se uma lanterna elétrica tivesse sido posta no seu interior. Fiquei à

janela, e não foi fácil afastar-me da vista. Magia e mito enchiam o ar no Obersalzberg. Não admira que Hitler tenha decidido construir o seu castelo na montanha sobranceira a Berchtesgaden, o seu Berghof.

Tirei das mala umas quantas coisas e depois sentei-me na cama. Por mais que admirasse a beleza de Berchtesgaden, era uma estranha na casa dos meus tios. Fui para a cama a pensar no meu quarto confortável em Berlim e nos meus pais. Estariam na cama agora, as persianas corridas, os candeeiros apagados. Frau Horst estaria ainda acordada, a fumar um cigarro e a bebericar o seu conhaque. Nunca ia para cama sem tomar uma bebida.

O silêncio no meu quarto era estranho. Em Berlim, particularmente antes da guerra, quando o vento soprava na direção certa, ouvia comboios e os seus apitos solitários. Sempre me perguntei para onde iam, mas estava contente por ficar na minha cama, em vez de sonhar com viagens. A todas as horas, carros roncavam e buzinas retiniam. A cidade zumbia. Teria de me acostumar ao silêncio. Inesperadamente, tive saudades da minha rua ladeada de árvores e das saudações e da tagarelice dos meus vizinhos.

Na manhã seguinte, todas as cortesias da minha tia se tinham desvanecido.

— Tens de arranjar um emprego se queres viver aqui — disse-me Reina, numa voz pesada e forrada a ferro. Os confortos da noite anterior evaporaram-se quando me serviu uma taça de papa de aveia com um pouco de leite de cabra. Não havia manteiga na mesa e não me atrevi a pedir. — Não nos podemos dar ao luxo de alimentar mais uma boca, e os teus pais não estão em situação de enviar dinheiro. Tens de trabalhar ou encontrar marido. O Reich precisa de bebés fortes para garantir o serviço futuro.

Fiquei chocada com as suas exigências, mas elas não eram totalmente inesperadas.

— O que quer que eu faça? — disse eu. — Não posso andar pelas ruas à procura de um homem.

Formaram-se pregas em volta da boca de Reina.

— Não estou a sugerir que sejas rameira — disse ela, sem rodeios. — As mulheres devassas fazem mal ao Reich e pervertem os nossos soldados. A semente dos homens deve ser poupada para fazer crianças. Tens de encontrar emprego, alguma coisa que saibas fazer, ou em que tenhas talento. Tens algum talento?

Pensei bem antes de responder. Nunca tivera muito que fazer em casa dos meus pais, a não ser limpar e remendar. Por vezes, cozinhava, mas raramente. A minha mãe era quem comandava a cozinha.

— Sei costurar — respondi, por fim.

— É pouco dinheiro. E o trabalho aqui seria escasso. Todas as mulheres de Berchtesgaden sabem costurar, provavelmente muito melhor do que tu.

A falta de confiança da minha tia em mim doeu-me. Contudo, a sua tática estava a ter êxito. Afundei-me na cadeira e questioneei a minha falta de iniciativa. Os meus pais nunca me tinham obrigado a trabalhar e parti do princípio que os pequenos trabalhos que ia fazendo em casa pagavam o meu sustento. Talvez estivesse enganada.

— Em que és tu útil ao Reich? — A minha tia pôs as mãos nas ancas e olhou para mim. — Todos os cidadãos têm de ser produtivos. Deverias ter vergonha e os teus pais também por criarem uma rapariga que não serve para nada. Talvez tivesse sido melhor se tivesses ficado em Berlim. O teu pai preocupa-se demasiado. — Abanou um dedo na minha direção.

Qualquer afeto que eu tivesse pela minha tia estava a diminuir rapidamente. Tínhamos passado pouco tempo juntas e a perspectiva de mais do que alguns dias pressagiava desastre.

— Vou procurar trabalho depois de tomar o pequeno-almoço — disse eu.

Os olhos da minha tia iluminaram-se.

— Isso é que é ser boa menina. Tem de haver alguma coisa que possas fazer.

Eu não estava convencida.

Ajudei a minha tia a lavar a louça, depois tomei um banho e desemalei o que restava das minhas coisas, embora não me sentisse segura acerca de ficar. Querendo parecer elegante, escolhi o meu melhor vestido. Há anos que não me candidatava a um emprego e senti-me lamentavelmente impreparada. A minha tia presenteou-me com um bloco de notas e uma caneta, ambas as coisas cobertas de suásticas.

As nuvens tinham desaparecido de um dia para o outro e os raios de sol desciam com plena força primaveril; porém, estava suficientemente fresco para vestir um blusão. O ar da montanha e a luz ofuscante apressaram-me os passos depois da desagradável conversa com a minha tia. Olhei para a minha direita e senti a emoção de ver o Watzmann, cujos belos picos serrihados se elevavam sobre o vale como dentes de tubarão que emergiam salientes da terra. As alvas neves de inverno ainda se apegavam aos cumes do seu rosto rochoso. Para onde quer que eu olhasse, havia floresta e montanhas. Berchtesgaden era tão diferente de Berlim, onde toda a gente se sentia inquieta.

Vagueei ao longo da rua, passando por lojas de montras vazias. Muitas estavam de persianas corridas ou completamente entaipadas. Parei mesmo para ler uma publicação local com notícias de emprego, mas não havia quaisquer trabalhos listados. Como esperava a minha tia que arranjasse um lugar com tantas lojas fechadas ou apenas a vender bens e serviços racionalizados? Não havia à vista nenhuma placa nas montras que publicitasse emprego, exceto no talho ao lado da casa dos meus tios. Umhas míseras carcaças de aves estavam penduradas atrás do balcão. O talhante queria um ajudante de ombros largos para auxiliar a limpar e a carregar. Não me conseguia ver a arrancar vísceras de aves ou a limpar porcarias sanguinolentas. Além disso, só fazia sentido que o dono da loja quisesse um homem que pudesse arcar com pesadas massas de carne, escassas que fossem.

Os meus pais tinham-me dado uns quantos Reichsmark para pagar necessidades. Esperavam que os meus tios me alimentassem e abrigassem sem custos. Isso era, claro, pura ilusão e só em parte verdade. Suponho que foi o meu tio Willy, o cabeça de casal, que me autorizou a vir para Berchtesgaden, apesar das objeções da minha tia.

Parei num restaurante e olhei para a ementa. As salsichas, que provavelmente vinham do talho local, pareceram-me bem. A carne apetitosa era um regalo especial e agora era difícil ir a algum lado. Sentei-me numa mesa do exterior e perguntei-me se deveria ou não utilizar o dinheiro esforçadamente ganho pelos meus pais para uma tal extravagância. Precisava de alguma coisa que me animasse, pelo que não demorei muito a decidir-me. O proprietário anotou o meu pedido de uma salsicha e batatas fritas. A salsicha foi servida a fervilhar nos seus próprios sucos, num prato quente. O cheiro das batatas fritas fez-me lembrar o modo como a minha mãe costumava cozinhar.

Depois de comer, fiquei insegura sobre o que fazer. Em duas horas, tinha esquadrinhado a maior parte da cidade, sem qualquer sorte. Caminhei sem rumo durante algum tempo, apreciando a paisagem, até que vi o meu tio a vir na minha direção.

— Já comeste? — perguntou ele, e afagou a barriga. Apontei o restaurante onde almoçara.

— A salsicha estava excelente.

Ele puxou-me para a sombra do toldo de uma loja.

— Falei com a tua tia depois de teres saído. — Franziu o cenho. — Não lhe lrigues. Ela por vezes pode ser rude. Tenta por todos os meios proteger-nos da guerra.

Assenti com um aceno de cabeça.

— Estou grato pelo que fez. De outro modo, não teria nenhum sítio para onde ir.

Ele ergueu um dedo como se estivesse prestes a dar-me uma preleção.

— Liguei a umas quantas pessoas esta manhã. Ser polícia e membro do Partido abre portas. Inscreve-te na Reichsbund e eu trato disso a partir daí. — Inclinou a cabeça para um edifício ao fundo do quarteirão enfeitado com bandeiras nazis. — Não sejas tímida. Vai lá. Eu farei a minha parte de magia. — Deu-me um beijinho na bochecha.

Deixei-o, a sorrir, e fui até à Reichsbund, um gabinete do serviço civil. Fiquei a olhar para uma montra atulhada de livros, faixas, cartazes e publicações nazis. Por trás da montra, uma mulher vestida com um uniforme cinzento estava sentada a uma secretária. Levantou os olhos para mim como se tivesse pressentido a minha presença. A coragem do tio Willy amparou-me. Entrei e vi que posições havia disponíveis. O cabelo louro da mulher estava apanhado atrás num estilo bastante rígido, mas de resto era bonita, com as maçãs do rosto salientes, olhos azuis e um nariz fino. Era o género de pessoa de que se queria gostar. Suponho que era por isso que estava naquele lugar.

Fiz uma pergunta e ela pediu-me para me sentar numa cadeira de carvalho à frente da secretária.

— Sou de Berlim mas vivo aqui com os meus tios, mas preciso de trabalho. — Corei perante a minha inépcia.

Ela parou de escrever no seu livro, colocou a caneta no meio dele e fechou a capa.

— Posso ver os seus documentos de identificação? É membro do Partido?

Perguntei-me porque não tinha aderido ao Partido há mais tempo. Se pensasse acerca das minhas lealdades, sentia-me em sintonia com o meu pai, que era no mínimo evasivo e no máximo um crítico silencioso. Ainda assim, precisava de trabalhar ou poderia ser obrigada a regressar a Berlim.

— Os meus documentos estão em casa com os meus tios. Não sou membro do Partido. — Ela mirou-me com bastante suspicácia, mas depois, avaliando-me, deve ter achado que eu não constituía qualquer ameaça à política nazi.

— Quem são os teus tios?

— Willy e Reina Ritter. São membros do Partido e vivem aqui perto.

Agarrou-me nas mãos como uma colega da escola.

— Sei muito bem quem são. São gente excelente e honrada, um orgulho para todos os alemães leais. Como te chamas?

Disse-lhe, e ela ouviu convenientemente a minha história. Enquanto eu falava, pegou num outro livro, fazendo anotações sobre o que eu dizia. Quando terminei, pediu-me para me perfilar diante de um ecrã negro perto do fundo da sala. Tirou-me várias fotografias com uma câmara com *flash*. Estas, disse ela, iriam para o seu superior quando fossem reveladas.

— Há alguma coisa que eu possa fazer, para que tenha habilitações? — perguntei.

— Não há nada neste bairro — disse ela. — Não tens habilitações para bibliotecária, nem para jardineiro, nem para a construção civil, nem para engenheiro de máquinas. Muitas mulheres estão já a servir o Reich, pelo que os lugares são limitados.

Suspirei. Reina não iria ficar contente. A mulher viu o meu cenho franzido e disse:

— Mas isso não significa que esta entrevista não valeu de nada. O Reich tem trabalhado sempre para o seu povo, sejam ou não membros do Partido. Olhou-me como uma professora paciente. — Se fores tão apoiante como os teus tios, poderíamos olhar-te de uma forma mais favorável.

Levantei-me da cadeira.

— Onde é que posso aderir? — perguntei tão sinceramente quanto pude, embora alguma coisa dentro de mim se revoltasse com a ideia de ser nazi. A minha mãe censurara uma vez o meu pai por não ser «mais forte», um homem que pensasse mais como a liderança do Partido. Para arranjar um emprego, eu teria de adotar as ideias da minha mãe.

Ela apontou para uma secretária do outro lado da sala.

— Herr Messer estará cá no sábado. Vem falar com ele.

Saí da Reichsbund um pouco encorajada, embora não quisesse encarar a minha tia, pois não tinha ainda qualquer perspectiva de emprego. Reina estava na cozinha quando cheguei, pelo que me escapuli pelas escadas até ao meu quarto e pus-me de pés para cima em vez de a enfrentar. Cerca de quarenta e cinco minutos depois, ouvi o meu tio abrir a porta e cumprimentar a minha tia. Encontrei-os sentados na sala de estar. Reina estava chocada pelo facto de eu estar em casa, mas saudou-me com um sorriso.

— Willy contou-me as novidades. Estou certa de que alguma coisa boa vai surgir da tua entrevista.

O tio Willy acendeu um cigarro, expirou o fumo e disse:

— Tenho a certeza disso.

Nessa noite, ao jantar, falámos da infância da minha tia em Espanha e de como ela e o meu tio se tinham conhecido numa pensão nos Alpes italianos. Willy hospedara-se lá para uma reunião política; Reina estava de passagem com um grupo de amigos andarilhos. Viram alguma coisa um no outro que os membros da minha família não conseguiam ver.

A conversa esmoreceu ao mesmo tempo que o lume, e fomos para a cama cerca das dez. Passei várias horas preocupada com o problema do trabalho e por fim adormeci. Na manhã seguinte saí de novo, mas não encontrei nada. De novo, receei voltar para casa sem qualquer emprego. Quando cheguei, encontrei a minha tia e dei-lhe as más notícias.

Perfilou-se, apertando as mãos à frente, estranhamente calma, considerando o seu fervor pela minha busca.

— Telefonaram da Reichsbund esta tarde. Querem que te apresentes de manhã. Aparentemente, têm um emprego para ti. — Abraçou-me e beijou-me na face com os seus lábios frios. Mais tarde, perguntei a Willy se ele sabia que lugar era, mas ele abanou a cabeça.

Nessa noite, celebrámos com vinho. A minha tia autorizou-me a telefonar aos meus pais para lhes dar as boas notícias. Frau Horst e os meus pais partilhavam um telefone no prédio. A minha mãe pareceu agradada. O meu pai, não sei bem o que estava a pensar. Disse-lhes que estava a planear aderir ao Partido. O meu pai replicou:

— Faz o que tiveres de fazer para sobreviver.

As suas palavras lançaram uma mortalha sobre a minha celebração.

Eu não era vidente, mas perguntei-me sobre quão terríveis poderiam as minhas circunstâncias tornar-se como trabalhadora no Reich.